

Micropolíticas do encantamento¹: uma entrevista *Micropolitics of enchantment: an interview*

Tania Alice

 0000-0002-0213-0760
tania.alice@unirio.br

Julie Brasil

 0000-0003-3108-2478
julie.brasil@unirio.br

Resumo

Esta entrevista com a artista e pesquisadora Tania Alice, realizada por Julie Brasil, investiga o trânsito da encenação teatral para a performance e a arte socialmente engajada. A conversa situa a prática artística como uma “micropolítica do encantamento”, propondo uma alternativa às somatopolíticas neoliberais que empobrecem o imaginário coletivo. Ao longo do diálogo, são discutidos conceitos fundamentais como a pedagogia dos afetos e a performatividade como restauradora de sensibilidades em espaços públicos e contextos de vulnerabilidade. A entrevistada articula sua práxis com o pensamento de autores como Pablo Helguera, Suely Rolnik e bell hooks, refletindo sobre a dimensão política do encontro, a ética do cuidado e a alegria como disciplina de produção de saúde. Aborda-se, ainda, a experiência pedagógica da Fábrica de Sonhos e a distinção entre resistir e existir, defendendo a criação de mundos possíveis como ato de enfrentamento sensível do presente.

Palavras-chave

Performance. Arte relacional. Micropolíticas do encantamento.
Pedagogia dos afetos. Poéticas do cuidado.

¹ Grande parte dos trabalhos citados na entrevista receberam apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico em conjunto com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, e do governo federal do Brasil por meio da bolsa de produtividade em pesquisa – processo n. 302924/2022-1. Mais informações podem ser obtidas em www.taniaalice.com; www.performerssemfronteiras.com; @taniaalicee.

Abstract

This interview with artist and researcher Tania Alice, conducted by Julie Brasil, investigates the transition from theatrical staging to performance and socially engaged art. The dialogue situates artistic practice as a “micropolitics of enchantment,” proposing an alternative to the neoliberal somatopolitics that impoverish the collective imaginary. Throughout the conversation, fundamental concepts such as the pedagogy of affects and performativity as a restorative force for sensibilities in public spaces and vulnerable contexts are discussed. The interviewee articulates her praxis with the thought of authors such as Pablo Helguera, Suely Rolnik, and bell hooks, reflecting on the political dimension of the encounter, the ethics of care, and joy as a discipline of health production. Furthermore, the text addresses the pedagogical experience of the Dream Factory (Fábrica de Sonhos) and the distinction between resisting and existing, advocating for the creation of possible worlds as an act of sensitive confrontation with the present.

Keywords

Performance. Relational art. Micropolitics of enchantment.

Pedagogy of affects. Poetics of care.

Julie Brasil / Tania Alice, gostaria de começar pelo princípio. Em sua trajetória, há um trânsito potente, do teatro à performance, em busca de uma arte que se inscreve no cotidiano. Pode contar como se deu essa virada e o que a motivou a buscar a arte relacional?

Tania Alice / Desde criança, observo em minha volta um mundo que não me convém e observo que ele também não convém a muitas outras pessoas: aos sonhadores, aos utópicos, loucos, poetas, artistas... Desde sempre, imagino um mundo que muito facilmente poderia ser lúdico, poético e recheado de possibilidades criativas. Porém, com os processos de colonização e de consolidação do capitalismo e a digitalização crescente, uma somatopolítica neoliberal destruidora da imaginação e das potências de afeto vem assombrando o mundo e empobrecendo os imaginários. A arte socialmente engajada e a arte relacional se apresentam como alternativas para estabelecer novas potências afetivas capazes de gerar saúde física e mental. Como diz Debord, o aventureiro é alguém que “faz aventuras acontecerem”. Em vez de criar representações, o artista relacional é um aventureiro e se torna um propositor de experiências, um restaurador de sensibilidades, um ativador de circunstâncias que podem ser transformadoras para desenhar outros mundos.

JB / Suas primeiras ações urbanas, como *Soltando Preocupações*, *Banquete dos Heróis* e *Todo Mundo Pode Ser Hamlet*, com os Heróis do Cotidiano, já manifestavam esse desejo de partilha. Como tais trabalhos exploraram a pedagogia dos afetos e de que modo ativaram o espaço público como lugar de encantamento?

TA / Quando realizávamos essas performances, há 15 anos, o conceito de arte relacional ou mesmo de estética relacional – conceito desenvolvido posteriormente por Bourriaud, questionado por Claire Bishop e depois também situado no Brasil por Fabiana Monsalú e por mim no livro *Arte relacional – o que se faz, o que se come*² – ainda não existia. Nos questionávamos frequentemente se aquilo que fazíamos era arte, mas sem dar importância demasiada a esse questionamento, já que estávamos vivendo na pele a potência do encontro e da transformação mútua. O que sentíamos era que esse tipo de ação fazia um sentido profundo para nós e os participantes envolvidos. Na época, junto com Gilson Motta, Marcio Vito, Lara Siqueira e Marcelo Asth, íamos para a rua vestidos

² Fabiana Monsalú e Tania Alice. *Arte relacional no Brasil – o que se faz, o que se come*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2022.

de super-heróis para faxinar estátuas e questionar a presença dessas figuras controversas em espaços públicos com os transeuntes; montávamos banquetes na rua dos quais todos podiam participar na condição de falar sobre amor; coletávamos as preocupações de moradores de favelas, as amarrávamos em balões e as soltávamos coletivamente no final do dia... Praticamente toda sexta-feira, estávamos nas ruas realizando alguma ação... Na época, ganhamos o Prêmio Funarte Arte nas Ruas e trabalhamos para vários Sescs do Rio de Janeiro e de São Paulo. O que nos movia era promover encontros, reciclar afetos, poetizar olhares... Essas experiências resultaram, entre outros, no meu livro *Performance como revolução dos afetos*,³ no qual tento refletir criticamente sobre a potência dessas experiências coletivas. Aprendemos muito com a rua, e acredito termos contribuído também na transformação das possibilidades da performance como potência movedora de afetos para quem se aconchegou aos projetos e ao Coletivo. O espaço público é um espaço de todos os possíveis, no qual podemos gerar pertencimento e coletividade por meio de experiências coletivas compartilhadas, apesar do isolamento promovido pelas políticas públicas e da utilização crescente das redes sociais. Com performance, ainda é possível um viver em comum.

JB / Em seus textos, você fundamenta sua prática em autores como Pablo Helguera, Suely Rolnik, Guattari, bell hooks ou Simas & Rufino. Como essas referências te ajudam a construir o encantamento como ato político?

TA / Sendo pesquisadora em arte, faço um constante movimento entre experimentação prática e alimentação conceitual e teórica. Cada uma das práticas retroalimenta outras e ajuda a potencializar todas elas.

Pablo Helguera me provocou acerca da importância de repensar a arte não somente como objeto de contemplação estética, mas com base em interações sociais capazes de facilitar diálogos, cooperação e acolhimento, configurando uma arte socialmente engajada. A escrita de Helguera é fundamentada na ideia de que a arte pode funcionar como uma ferramenta pedagógica poderosa, capaz de gerar espaços de aprendizado colaborativo e, assim, promover transformações sociais. Segundo Helguera, a arte socialmente engajada se destaca como um elo vital entre o indivíduo e a coletividade, desafiando os limites tradicionais da arte

³ Tania Alice. *Performance como revolução dos afetos*. São Paulo: Editora Annablume, 2026.

e da educação, reafirmando os papéis essenciais dessas áreas como dispositivos de transformações pessoais e sociais, interconectando arte e vida.

Suely Rolnik por sua vez nos ensina que a potência da arte está na possibilidade de dar corpo aos “embriões de futuro”, reconfigurando as formas de existir e de conviver. Nesse contexto, torna-se possível um enfrentamento sensível do presente, uma aposta radical na criação de mundos possíveis por meio dos afetos coletivos e da transformação das relações.

E Guattari nos faz pensar a prática como ecologias interna e externa que atuam simultaneamente. Já Simas e Rufino nos trazem uma reflexão sobre encantamento. Pensando bem, talvez o que mais desejo provocar por meio da prática artística seja o encantamento: esse pequeno, mas infinito espanto diante das possibilidades infinitas da vida. Rufino nos traz também a questão pedagógica quando alerta sobre a educação como fenômeno imbricado entre vida, arte e conhecimento. Com bell hooks, mas também com meus alunos, aprendo todos os dias sobre a busca, em sala de aula, de uma amorosidade radical compartilhada que seja um fermento para a criação.

São tantas as referências artísticas, teóricas e conceituais... Dentro dessas que constroem minha prática, também poderia citar as dezenas de romances que estou sempre lendo ao mesmo tempo, destacando: Manoel de Barros, Edouard Louis, Dostoievski, Henry Miller, Beckett e tantos outros, as músicas que escuto, mas também o barulho das patinhas do meu cachorro percorrendo a casa, o silêncio do mundo ou as ondas do mar. Aprendemos com os sons do mundo a aumentar a potência afetiva dos nossos trabalhos e essa escuta terna e radical do outro é fundamental.

JB / Suas ações artísticas muitas vezes se inscrevem em espaços não convencionais – ruas, becos, praças, ônibus. Nelas, a performance parece menos uma cena e mais um contágio. Qual seria, para você, a dimensão política desse encontro cotidiano?

TA / Sair da rotina. Fugir do planejado. Mover o corpo em outra direção daquela prevista pela funcionalidade da vida. Semear e colher poesia. Olhar nos olhos. Respirar e aprender juntos. Construir uma micropolítica afetiva da existência em um contexto no qual os afetos veiculados muitas vezes são afetos tristes, destinados a alimentar a produtividade. O capital tenta se apoderar de nossos corpos e nossas subjetividades, mas somos poetas de dimensão infinita que se potencializam no encontro real, não mediado pelas redes sociais, no encontro

olho no olho e na alegria do sentir compartilhado – como diz Ane Dufourmantelle, na “potência da suavidade”. A dimensão do viver junto proposta pela experiência artística é profundamente política. Reaprender o coletivo e a sensação de pertencimento são valores que considero essenciais.

JB / Essa espera pelo outro, esse espaço do entre parecem gerar outro regime de tempo – mais lento, mais afetivo. Em um contexto de exaustão social, isso soa quase como uma forma de resistência.

TA / A palavra “resistência” solidifica algo que se coloca como existente. Exemplificando: se fazemos força para resistir, estamos dando força para aquilo que nos oprime. Agora, se dançamos em cima dos escombros em que tentam nos soterrar, talvez nos seja possível existir de outra forma. A energia do “resistir” fica livre para se tornar energia para existir.

A *performer* e ativista Tricia Hersey escreve que “descansar é resistir” – descansar, criar, dançar são formas de resistir, mas sobretudo de existir, de se mover segundo outras lógicas, de falar a linguagem das folhas das árvores e do bater de uma asa de borboleta em vez de uma prosa empobrecida, colonizada e empoeirada. Poetizar a existência é existir em outro espaço-tempo.

JB / Você fala em “política do encantamento”. Poderia desenvolver essa ideia?

TA / A política do encantamento tem a ver com o fato de poetizar coletivamente o existir. Mais especificamente, tem a ver com o momento em que a pessoa sente com todos os poros da sua pele que isso é possível. A arte nos ajuda a lembrar isso uns para os outros. Como diz Krenak, ser artista é se refugiar em um espaço onde a generosidade com os outros pode ser compartilhada. Vivemos em um mundo constantemente ameaçado pela normatização, a domesticação e a colonização dos afetos, dos sonhos e dos desejos. Acredito na força sensível do artista em questionar a recuperação capitalística dos nossos desejos vitais e em sua imaginação e insistência em criar cotidianamente estratégias de encantamento para nos lembrar que outros mundos existem e são possíveis de ser vividos.

JB / Onde entra a alegria nisso?

TA / A alegria entra e sai pelos poros. Mas precisamos lembrar que a alegria não é dada. É uma construção que dá muito trabalho. A alegria é uma produção que envolve não somente o sonhar, mas também o planejamento pragmático, ou seja, alcançar um estado de alegria brincante e contagiosa, por incrível que pareça, envolve muita disciplina. A alegria implica estar acordado. É mais fácil

ficar em casa dormindo do que acordar às três da manhã, do que acordar e fazer uma trilha para ver o sol nascendo. O despertar da alegria passa pela consciência da impermanência, pela opção de querer ser feliz e pela consciência de que esse estado não é produzido de fora para dentro, mas de dentro para fora. O convívio com Buda, meu cachorro, me ensina isso no dia a dia: a vida é curta e, por isso mesmo, ela pulsa e é urgente. A alegria reside na disposição em perceber as pequenas belezas que residem nos detalhes da vida. A performance é o nosso lembrete do possível.

JB / Poderíamos dizer que a performance, em sua forma mais ética, consiste em criar condições para que a alegria e o encantamento possam circular?

TA / Sim. Para despertar a lembrança de quem somos, de quem já fomos e de quem podemos ser, individualmente e coletivamente, temos a arte. E sempre é tempo, sempre é hora – como diz o ditado, “antes arte do que nunca”.

JB / Como a experiência da Fábrica de Sonhos reverberou em seu entendimento pedagógico e artístico? Que papel tiveram os sonhos coletivos para construir novas formas de existência?

TA⁴ / Comer, pelo menos mais uma vez, o bolo de sua avó. Conversar com animais diferentes. Despedir-se do pátio de sua antiga escola, já que a pandemia impediu este último contato. Comemorar uma festa de 15 anos que nunca aconteceu. Velejar na Grécia. Fazer um *pocket show* em inglês. Passar um dia em um spa. Andar de bicicleta pelas ruas de Paris. Andar de pernas de pau em um bloco de carnaval. Ser mãe. Participar da gravação de uma novela. Boiar no mar sem medo. Ser surpreendido com flores. Vestido de *drag*, dar de comer salada para um dinossauro. Mergulhar em uma piscina de gelatina. Casar. Fazer o que mais ama sendo assistido por quem mais ama: sua mãe. Viver, por uma manhã, como uma diva pop. Ser professora universitária por um dia. Gravar um forró. Casar aos pés do Cristo Redentor. Voar. Protagonizar um filme de terror. Presenciar o sol amanhecendo com amigos. Transformar-se em uma *drag queen*. Caminhar em um tapete vermelho. Receber um carro de som com frases de amor. Estudar em uma escola de magia. Flutuar em uma vitória-régia gigante. Ver o Botafogo campeão. Tornar-se passarinho para descobrir o mundo todo. Ser

⁴ Há um artigo sobre a experiência da Fábrica de Sonhos, escrito em parceria com o artista-pesquisador Zé Caetano, na revista *Rebento*, da Unesp, que está no prelo, com previsão de publicação em dezembro de 2025. Parte da resposta a essa pergunta foi extraída desse artigo.

coroada princesa ou se tornar uma sereia. Brincar em um parque de diversões de pijama. Aprender a andar de patins.

Esses são alguns sonhos que a Fábrica de Sonhos realizou após perguntar aos participantes da disciplina “Treinamento para o performer”: “Qual é o sonho da sua vida?”. Perguntamos no início do semestre sobre o sonho de cada um e depois, partimos para a realização.



Figura 1

Savio sonha em flutuar em
vitória-régia gigante, 2024
Fonte: Arquivo pessoal.

Quando uma pessoa vê seu sonho transformado em experiência concreta, essa pessoa não apenas materializa um desejo pessoal, mas também ativa devires latentes no grupo, expandindo os limites do possível. Ao mesmo tempo, a pessoa entende também que realizar o sonho do outro pode trazer a mesma felicidade do que realizar o seu próprio.

Acredito que, ao colocar o afeto no centro de suas práticas, a Fábrica de Sonhos cria um espaço de resistência contra a anestesia cotidiana imposta pelo neoliberalismo e reconfigura as formas de existir e de conviver. Não é uma fuga da realidade, mas um enfrentamento sensível do presente, uma aposta radical na criação de mundos possíveis por meio dos afetos coletivos e da transformação das relações. A prática pedagógico-artística da Fábrica de Sonhos convoca um contragolpe de modo que o sensível se torna experiência de transformação: ao mesmo tempo que geramos um conhecimento e um aprendizado prático (como conceber e realizar uma cenografia, uma caracterização, um programa performativo, um figurino), os sonhos realizados criam corpos e encantamento de vida, potência crucial para a alegria, e reativam a força de pertencimento a um coletivo.



Figura 2
Roberty sonha em fazer
parte de uma trupe de circo
itinerante
Fonte: Acervo pessoal.

No contexto de um sistema que privilegia o individualismo e a competição, sonhar em grupo coloca-se como um contraponto potente ao neoliberalismo, oferecendo uma experiência de pertencimento e de criação coletiva: alinhando-se a uma educação que celebra a subjetividade, o afeto e a memória coletiva, em oposição à obediência às exigências produtivistas da universidade e/ou do mercado.

JB / Em sua fala como patronesse da turma de 2025 da Unirio que levou seu nome, você cita a artista Ilus afirmando que “ser artista é optar diariamente por ser poesia em um mundo que insiste em falar em prosa”. Como esse pensamento se articula no contexto de crise política e social que vivemos em 2025?

TA / Talvez pelo fato de ser autista, nunca me reconheci no mundo ao meu redor. As regras do mundo sempre me pareceram arbitrárias e, na maior parte das vezes, inúteis e sem sentido. Sendo assim, me pergunto de forma natural: “por que essas regras e não outras”? Sempre acreditei que nossos devaneios artísticos podem mover mundos. Se olho para a crise política, social e sobretudo climática que nos cerca, caio no assombro. Para não me afundar, desenho asas para mim e para quem encontro e formulo um convite para voar. Talvez assim, como diz Krenak, possamos construir um grande paraquedas colorido para adiar um pouco o fim do mundo.

JB / Seu trabalho inclui intervenções profundas em comunidades ribeirinhas, periferias de Marselha, e até performances em fronteiras e contextos migratórios. Poderia relatar como a prática do cuidado e o contato com o outro te transformou nesses espaços-limite e modificou, ou não, sua visão sobre o que é ser artista?

TA / Ao longo da vida, a arte da performance me abriu as portas de infinitos mundos inesperados: ela me levou a descer de barco o rio Amazonas para performar em comunidades ribeirinhas, a realizar coletas de gargalhadas e a realizar danças em domicílio em prédios da periferia de Marseille, a instalar minha cama na fronteira dos Estados-Unidos com o México para escutar em um bate-papo na cama o que os migrantes tinham a dizer aos moradores dos Estados-Unidos. A performance me ajudou a cuidar de artistas após os atentados na Bélgica e a sustentar o sopro em um espaço de cuidados paliativos; a distribuir pessoalmente centenas de abraços de dez minutos coletados no Brasil para as vítimas dos terremotos no Nepal em cima de uma terra que ainda tremia. A performance me levou a dividir casa e escutar moradores do Togo, da Índia, de

Nova York e de tantos outros lugares conhecidos e desconhecidos sobre o que achavam que um artista deve fazer hoje;⁵ a performance ainda me ajudou a sobreviver na pandemia com um espetáculo realizado diariamente pelo nosso coletivo para comprar cestas básicas para artistas que estavam passando fome. A performance me convidou para mil aventuras inesperadas para as quais eu não teria tido imaginação suficiente quando me formei e que minha família me perguntava “Do que você vai viver?”. “Do quê?” – eu realmente não sabia, mas eu tinha a intuição de “como” eu queria viver: junto com amigos, parceiros e amores encantados e que acreditam na possibilidade de mudar o mundo – esses parceiros que somente a arte traz.

Tento trazer essa esperança, junto com a ideia de uma disciplina gigante necessária para ser livre, para os meus alunos. Amo o papel de professora de performance e aprendo tanto quanto ensino. Ao longo da vida, tantas vezes, a arte me salvou, me fazendo acreditar na magia, no encantamento e na música do Belquior “Alucinação” quando ele canta: “Amar e mudar as coisas me interessa mais”. A fé na potência da performance me fez encontrar pessoas maravilhosas que regam mutuamente as flores que crescem dentro das nossas cabeças.

A força da magia da performance me levou a desejar seguir sendo artista, pesquisando e compartilhando em sala de aula aquilo que arrepia a alma e o corpo e muda tudo dentro e fora e assim me conduziu até cada pessoa que encontrei ao longo da vida, movida pelo desejo de pisar no mundo descalço, de rolar no chão e me movimentar ao som da música e do vento, enquanto o mundo preza a verticalidade produtiva. Acredito que ser artista é querer cantar em vez de dar ou receber ordens; artistas sonham alto e falam com árvores, animais e a natureza, enquanto parte do mundo pensa em caçar, desmatar e poluir. Artistas acreditam na utopia do coletivo, na força da gargalhada e na multiplicidade infinita das formas de ser neste mundo. Ser artista significa olhar no olho do outro e dizer, estou aqui, estamos juntos, vamos inventar algo.

Ser artista para mim significa cuidar da produção de saúde de crianças, adolescentes, adultos e idosos, pessoas internadas, pessoas neurodivergentes

⁵ As respostas ajudaram a construir o espetáculo *Ensine-me a fazer arte*, apresentado junto com Gilson Motta, entre outros, no Festival Sesc Palco Giratório, no Festival de Curitiba, em temporada no Sesc-Copacabana, na Bienal Internacional de Teatro do Ceará e nas cidades de Natal e Fortaleza por meio do prêmio Myriam Muniz de Teatro.

ou em situação de vulnerabilidade e optar a cada dia por gerar felicidade em contextos desafiadores. Respondendo mais concretamente à pergunta, escrevi um texto intitulado *Dramaturgias da solidariedade*⁶ em que descrevo as mudanças sutis operadas pelo projeto de dança em domicílio – nos participantes e em mim; segue meu convite à leitura de uma dança compartilhada que relata somente uma dessas experiências, mostrando as forças movidas pelas notas de músicas e os corpos que se buscam na potência e na suavidade do encontro.

JB / E voltando à micropolítica do encantamento – sua pesquisa recente articula escuta, silêncio, cuidado e alegria. Como essas práticas podem ser aplicadas hoje, em contextos educativos, comunitários ou artísticos?

TA / Sempre gostei muito de livros ou vídeos que nos ajudam a entender o funcionamento de pessoas e das coisas. Durante a pandemia, para fazer a minha parte, decidi reunir grande parte das performances e projetos de arte socialmente engajados que tinha realizado ao longo dos últimos dez anos em um livro intitulado *Manual para performers e não-performers – 21 ações artísticas para produzir felicidade*,⁷ em que coloco a descrição das performances, os programas performativos, os materiais necessários para que sejam realizados e todas as possíveis dificuldades e as possíveis soluções práticas. A ideia do livro não é fornecer uma metodologia, mas, ao contrário, permitir que alguém que nunca realizou uma performance e tem vontade de experimentar a linguagem, possa testar livremente qualquer uma dessas performances já realizadas – todas elas são livres de direitos autorais e foram inventadas justamente para ser multiplicadas. Para mim, isso constitui uma forma de cuidar com arte.

Outra forma de multiplicar esse tipo de prática constitui o objeto da pesquisa do nosso Grupo de Pesquisa Práticas Performativas Contemporâneas, que coordeno junto com o professor doutor Gilson Motta (UFRJ) e que, há mais de 15 anos, desenvolve pesquisas em performance para multiplicar saúde por meio de práticas artísticas em diversos contextos. Iniciamos com pesquisas sobre

⁶ Artigo disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17115>
Último acesso: 23/11/2025.

⁷ Tania Alice. *Manual para performers e não-performers – 21 ações artísticas para gerar felicidade*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2020.

os modos como a arte pode atuar em zonas de trauma pontual ou continuado e seguimos com o desenvolvimento de “poéticas do cuidado” de uma forma mais ampla.⁸

Nosso projeto recente envolveu identificar, ao longo de um ano de pesquisa prática, quais eram os eixos do cuidado dentro de práticas artísticas a partir da pergunta “como cuidar com arte?”. Após a identificação desses eixos – que desenvolvo detalhadamente no artigo Poéticas do cuidado: sete eixos para cuidar com arte⁹ –, construímos dois espetáculos performativos em que compartilhávamos os resultados com o público por meio de experiências imersivas: *Psicotropicais – protocolos de reflorestamento afetivo*, apresentado em temporada no Instituto Municipal Nise da Silveira em 2023 e construído a partir dos relatos de pessoas internadas em hospitais psiquiátricos, e *Welcome to the Fábrica*, estruturado a partir de depoimentos de alunos, professores e servidores da universidade sobre saúde mental e apresentado na Unirio em 2025. Nas duas experiências, que contaram com direção minha e cenografia do professor doutor Gilson Motta, cuidamos do público a partir desses eixos, mas também refletimos sobre a produtividade, a falta de recursos e a burocracia crescente na universidade, que gera adoecimento e propusemos contrapor políticas de vida.

É necessário repensar o campo das artes como um espaço que resiste ao enfraquecimento e ao desânimo promovidos pelo sistema vigente. O afeto, como aponta Suely Rolnik, é um motor essencial para a criação, pois nasce do encontro entre os corpos e as forças que atravessam o mundo, se reconfigurando dentro das possibilidades de encontro despertadas por um projeto artístico, social e pedagógico. É sobre como potencializar esse movimento que nós, artistas, pesquisadores e educadores, podemos direcionar nossas pesquisas.

JB / Para fechar a entrevista, que pergunta gostaria de deixar para o leitor, artista ou cidadão do mundo, em meio às turbulências de agora?

⁸ Sobre o conceito de “poéticas do cuidado”, cf. Tania Alice. *Poéticas do cuidado – um panorama brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2025

⁹ Artigo disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/25330>. Acesso em 23 nov. 2025.

Feche os olhos...

Respire....

Sinta....

Pense:

O que você pode fazer para mudar aquilo que não ativa suas forças e potências de vidas?

Como você pode gerar poesia para sua vida hoje e agora?

Que mundos você deseja mover para despertar a sua consciência da impermanência da vida e da importância de viver plenamente?

Qual o sonho da sua vida?

Pare.

Te escuto.

Me conte.

Vamos realizá-lo.

Tania Alice é doutora em letras e artes pela Université de Provence, França (2003); artista-pesquisadora e professora titular da graduação e da pós-graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Julie Brasil é artista visual e professora na Unirio. Doutora em imagem e cultura, mestre em artes visuais e graduada em pintura pela UFRJ. Sua obra explora trauma, política, consumo e ironia. Participou de exposições no Museu da Cidade, Sesc, Caixa Cultural, CC Brasil México, Festival de Vídeos de Kassel entre outros espaços.

Como citar:

BRASIL, Julie. Micropolíticas do encantamento: uma entrevista. Arte e sensibilidades no enfrentamento ao horror contemporâneo: um dossiê político-poético. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 31, n. 50, p. 382-395, jul.-dez. 2025. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n50.26>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>